

## Comunicação Pública

Vol.13 nº 24 | 2018  
Número não temático

---

Casetti, Francesco (2015). *The Lumière Galaxy: Seven Key Words for the Cinema to Come*. Nova Iorque: Columbia University Press. (293 páginas). ISBN 978-0-231-17243-1.

Marta Pinho Alves

---



### Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/cp/2083>  
ISSN: 2183-2269

### Editora

Escola Superior de Comunicação Social

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 23 Maio 2018.

---

Casetti, Francesco (2015). *The Lumière Galaxy: Seven Key Words for the Cinema to Come*. Nova Iorque: Columbia University Press. (293 páginas). ISBN 978-0-231-17243-1.

Marta Pinho Alves

---

## REFERÊNCIA

Casetti, Francesco (2015). *The Lumière Galaxy: Seven Key Words for the Cinema to Come*. Nova Iorque: Columbia University Press, 293 páginas, ISBN 978-0-231-17243-1

- 1 Importará começar por justificar a pertinência de recensear um livro publicado em 2015, ou seja, que conta já com três anos de existência. O facto de não existir uma reflexão elaborada ou traduzida em Portugal sobre o tema a que se dedica Francesco Casetti em *The Lumière Galaxy* (à exceção do meu próprio trabalho<sup>1</sup>) legitima esta recensão. Havendo trabalho internacional que elege o assunto como relevante, este livro é a mais recente obra que opta por abordá-lo. Casetti, teórico do cinema, dera já contributos vários em textos anteriores para esta discussão. Aqui consegue fazê-lo de forma mais completa e sistemática, enunciando em detalhe, e com recurso a vasta ilustração recolhida no cenário cinematográfico contemporâneo, os argumentos que fundamentam a sua análise e as suas conclusões.
- 2 O problema que orienta a reflexão do autor é bem explicitado logo no capítulo introdutório do livro. Aliás, Casetti faz questão de apresentar com grande minúcia os caminhos de investigação que o levaram até ao tema e a complexa e heterogénea discussão com que se foi deparando ao longo do trajeto, salientando que transcorreu quase uma década desde que começou a reunir dados sobre o assunto e a pensar sobre o

mesmo até à conclusão do livro. Casetti propõe-se ponderar acerca das transformações suscitadas no campo do cinema pela sua recente digitalização, que se manifesta em todos os domínios, ou seja, na produção, distribuição e exibição e mesmo na receção e fruição. O autor é perentório a declarar, desde as primeiras páginas, que estas mutações se revelam hoje muito mais radicais (p. 2) do que foi possível antecipar na sua génese. Contudo, muito rapidamente assinala também aquela que é a noção-chave que perpassa todo o livro e que é, afinal, a conclusão do seu trabalho: a persistência da ideia de cinema no tempo do digital.

- 3 Casetti relembra e sintetiza os argumentos sobre o fim do cinema, tornados comuns a partir dos anos 2000. Se se pode assumir que nessa década a digitalização começava a banalizar-se nas várias dimensões do cinema, surgiam alertas ou lamentos acerca das suas consequências, que aparentavam matar o que até ali era conhecido como cinema. De acordo com este, uma das principais preocupações assinalava a perda da correspondência entre as imagens digitais e um referente material, ou seja, antes era necessário que um objeto concreto se colocasse frente à câmara para obter um registo e agora essa exigência era dispensável face à possibilidade de simulação numérica, algorítmica do mesmo. Outro problema identificado dava nota das mudanças na atitude do espectador, isto é, face aos novos modos de aceder a filmes e de os ver, originava-se uma disrupção das formas convencionais de receção. Finalmente, entendiam alguns que a abundância de imagens e a sua multiplicação em diversos suportes conduziria à menorização da sua relevância.
- 4 Não obstante as inquietações apresentadas naquele período e o avolumar contemporâneo das condições que começavam na altura a manifestar-se, o autor conclui que afinal não se assistiu, até hoje, a um desaparecimento do cinema. Casetti assinala ainda que a ida à sala de cinema continua a ser uma prática comum para um grupo alargado de espectadores, e que se continua a chamar cinema àquilo que se vê noutros ecrãs e em distintos contextos de receção (p. 3). Mais ainda, continua-se a atribuir características cinemáticas a diferentes imagens, mesmo às não enquadráveis na habitual categoria de filme.
- 5 Casetti admite frequentemente, ao longo do texto, que o cinema é já algo distinto daquilo que durante longo período de tempo foi entendido como tal, mas insiste na ideia da sua sobrevivência e mesmo da expansão do seu significado e do que aí pode ser integrado (p. 3). Detém-se mesmo para assinalar que a história do cinema é ela própria caracterizada por vários momentos de reconversão e dilatação da tecnologia, da linguagem ou das barreiras institucionais associadas àquela forma de expressão e que, como tal, não é possível observar uma exceção no momento presente (p. 4).
- 6 Face ao anteriormente exposto, o autor de *The Lumière Galaxy* considera relevante esclarecer que a sua abordagem quer compreender o novo cenário, depositando o seu olhar sobre a experiência do espectador, e não apenas em mutações de ordem tecnológica. Isto porque aquilo que define um *medium*, alega "é um modo de ver, sentir, refletir e reagir" (p. 5), não obrigatoriamente conectado a uma aparelhagem particular.
- 7 O autor orienta, então, a sua reflexão para a chamada de atenção acerca das ruturas e continuidades em relação àquilo que predominantemente foi entendido como cinema, ou da ordem do cinemático. Por vezes, declara as imagens contemporâneas em movimento situam-se no limite da cisão com os seus modos convencionais, admitindo romper com aquilo que é entendido como sendo próprio da sua natureza e especificidade. Noutros momentos, entende Casetti, opõem-se à mudança, com o objetivo de se manterem reconhecíveis dentro do paradigma dominante (pp. 7-8).

- 8 Com o propósito de equacionar estas transformações e continuidades do cinema, propõem-se analisar o que designa como sete processos em curso no cenário cinematográfico contemporâneo. Cada um deles é identificado por uma palavra-chave que explica o subtítulo do livro em análise: *Seven key words for the cinema to come* (ou, em português, *Sete palavras-chave para o cinema vindouro*). Cada um destes termos e seu significado – *relocation* (relocalização), *relics/icons* (reliquias ou artefactos/ícones), *assemblage* (montagem ou recomposição), *expansion* (expansão), *hypertopia* (espaço ampliado), *display* (aparelho de apresentação), *performance* (performatividade) – é explicitado e analisado em detalhe em cada um dos – também sete – capítulos constitutivos do livro.
- 9 No primeiro capítulo, em que Casetti recupera dois artigos da sua autoria publicados entre 2011 e 2012, alude à deslocação do cinema para novos ecrãs, além do ecrã convencional da sala de cinema – e dá nota, também, de um regresso ao ecrã convencional, a que chama ‘re-relocalização’. Aqui, defende que a consequência destes realojamentos ou re-realojamentos é a renovação da experiência espectral. No capítulo dois, o termo ‘reliquia’ ou ‘artefacto’ refere-se aos objetos cinematográficos convencionais e o termo ‘ícone’ aos modos de visionamento clássicos. Entende Casetti que estes assumem estas condições quando isolados uns dos outros e colocados perante novas possibilidades: um filme tradicional visto em novas plataformas transforma-o numa reliquia; um cenário de visionamento que obedece às normas clássicas, mas oferece renovados objetos cinematográficos, converte-se num ícone. O capítulo seguinte, que discute a montagem ou recomposição, propõe que este é o processo pelo qual o espectador passa quando interage com os objetos cinematográficos em ambientes distintos da sala de cinema ou perante novos artefactos tecnológicos. O capítulo quarto analisa a noção de expansão das manifestações cinematográficas além daquilo que convencionalmente era tido como tal. O capítulo dedicado ao espaço ampliado faz alusão aos novos territórios por onde circulam as imagens em movimento e às suas novas condições de visionamento. O penúltimo capítulo diz respeito aos ecrãs e à forma como estes determinam ou orientam a forma como nos relacionamos com os objetos audiovisuais. Finalmente, o capítulo sobre performatividade pretende discutir a nova conduta do espectador, que, na perspectiva do autor, contribui para, mais do que assistir à obra, lhe atribuir novos sentidos.
- 10 Casetti conclui a sua reflexão retomando as convicções assumidas logo na apresentação do livro. Intitulando esse segmento final de “*The persistence of cinema in a post-cinematic age*” (em português, “A persistência do cinema numa era pós-cinematográfica”) – não seria talvez mais correto afirmar ‘a persistência do cinematográfico numa era pós-cinema?’ – reafirma a permanência do cinema e a sua capacidade de reencontrar e realizar algumas das suas promessas anteriores nunca antes concretizadas.

---

## BIBLIOGRAFIA

Alves, M. P. (2017). *Cinema 2.0: Modalidades de produção cinematográfica do tempo do digital*. Covilhã: LabCom.IPF.

Casetti, F. (2012). The relocation of cinema. *NECSUS - European Journal of Media Studies*, (2).  
Disponível em : <http://www.necsus-ejms.org/the-relocation-of-cinema/>, consultado a 07/09/2013.

Casetti, F. (2011). Back to the motherland: the film theatre in the postmedia age. *Screen*, 52 (1).  
Disponível em: <http://francescocasetti.files.wordpress.com/2011/03/back-to-the-motherland.pdf>, consultado a 10/04/2012.

## NOTAS

1. Ver Alves (2017).
- 

## AUTORES

### **MARTA PINHO ALVES**

Escola Superior de Educação (ESE) e Centro de Investigação em Educação e Formação (CIEF),  
Instituto Politécnico de Setúbal (IPS)  
Campus do Instituto Politécnico de Setúbal  
Estefanilha, 2914-504 Setúbal  
[marta.alves@ese.ips.pt](mailto:marta.alves@ese.ips.pt)